

As
Glórias
do nosso
Senhor



H.C. Hewlett

As
Glórias
do nosso
Senhor

H.C. Hewlett

A Verdade
Porto Alegre
2015

Traduzido do original em inglês:
The Glories of our Lord
H.C. Hewlett
Publicado por John Ritchie Ltd.
40 Beansburn, Kilmarnock, Scotland
Copyright © 1994

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa por:

A Verdade, Porto Alegre, RS, Brasil

www.editoraverdade.com.br

©A Verdade 2015

Primeira edição brasileira 2015

Traduzido por Terry Blackman

Revisão por Eunice Carapeto

Passagens da Escritura segundo a versão Almeida Revista e Corrigida.
Tradução de João Ferreira de Almeida - 4ª Edição Revista e Corrigida ®
Copyright © 2009 Sociedade Bíblica do Brasil

A reprodução ou transmissão total ou parcial deste livro não poderá ser realizada por nenhum meio possível, seja eletrônico, mecânico, fotográfico, de gravação ou quaisquer outros sem a prévia autorização do editor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H612g Hewlett, H. C.
As Glórias do nosso Senhor / H. C. Hewlett; traduzido por Terry Blackman. -- Porto Alegre : Verdade, 2015.
140p. : il. ; 13,5 cm x 21 cm

ISBN 978-85-64006-32-4

1. Unigênito do Pai. 2. Profeta. 3. Rei. 4. Sacerdote. 5. Salvador. 6. Senhor. 7. Sumo Pastor. 8. Fiel e Verdadeiro. I. Blackman, Terry. II. Hewlett, H.C. III. Título.

CDU 232

Bibliotecária responsável: Raquel Moura Pohlmann CRB/10-2301



www.editoraverdade.com.br

Espalhando a Palavra da Verdade

Sumário

1.	Cristo como Filho	7
2.	As Teofanias	17
3.	A Sua Eternidade	25
4.	A Sua Divindade	33
5.	A Sua Encarnação	43
6.	A Sua Humanidade	53
7.	A Sua Santidade	67
8.	A Sua Transfiguração	77
9.	A Sua Crucificação	87
10.	A Sua Exaltação	99
11.	O Seu Sacerdócio	115
12.	O Cordeiro	127

Cristo como Filho

O enigma do Seu nome sem igual

Os anjos nunca podem entender:

Diz Ele: Só o Pai celestial

A Mim, Seu Filho, pode compreender.

Na vida interna da Divindade, distinta e antes da existência de toda a criação, encontra-se a comunhão infinita e santa das três Pessoas da Trindade. Essa vida de amor consiste na alegria que o Pai tem no Seu Filho, e que o Filho tem no Seu Pai, sendo essa alegria na plenitude do Espírito Santo. O que Cristo é para Deus, nesse relacionamento de amor, e em sua intimidade rica e perpétua, revela-se acima de tudo no Seu nome de Filho. Ele tem muitos nomes e títulos, como realmente todas as glórias se encontram Nele. Mas enquanto alguns desses descrevem o Seu relacionamento com a criação, com as Suas criaturas, com a Sua igreja ou talvez com a Sua terra, o nome Filho descreve o que Ele é para Deus. A Sua glória como Filho é a fonte de todos os Seus relacionamentos com as Suas criaturas, como também o motivo de todos os

modos de agir que Deus tem empregado, tanto em criação como em redenção. Portanto, considerar Cristo como Filho é considerar a verdadeira chave de todos os caminhos de Deus.

A princípio, convém notarmos com cuidado o uso da palavra "filho" no Novo Testamento. Usam-se duas palavras diferentes no texto original, uma refere-se à dignidade da posição e do caráter apropriado dela, e a outra refere-se ao relacionamento que tem por nascimento. Enquanto ambas são traduzidas "filho" na Bíblia portuguesa, é importante observar a distinção. A segunda palavra nunca é usada com respeito ao Senhor Jesus em Seu relacionamento com Deus, mas frequentemente se usa para descrever os crentes. João, em seus escritos, não usa a primeira palavra com respeito aos crentes exceto em Apocalipse 21:7: *"Quem vencer herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho"*, mas reserva-a para descrever o Senhor Jesus, como Filho de modo singular. Repetidas vezes, João usa a segunda palavra para descrever os crentes, pois é pelo novo nascimento que se tornaram filhos do Pai. Paulo frequentemente refere-se aos filhos de Deus (usando a primeira palavra) e, em fazer isso, dá ênfase mais na alta dignidade da comunhão com Deus a que foram trazidos do que em sua possessão da vida divina por meio do novo nascimento.

Notando, portanto, que "filho" fala de dignidade, vamos pensar em como se apresenta perante nós a filiação do nosso Senhor em João 1:18: *"Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer"*. Aqui aprendemos:

1. A singularidade do relacionamento do nosso Senhor como Filho. Ele é o Filho unigênito. Unigênito não se refere necessariamente ao nascimento de um filho, mas, sim, ao caráter e à natureza que pertencem exclusivamente a ele. Isso se vê em outras ocorrências de "unigênito" nas Escrituras, por exemplo: *"aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito"* (Hebreus 11:17), onde se liga a posição de Isaque como filho com a promessa que o

colocou numa classe única, como distinto de Ismael e dos demais filhos de Abraão, que nasceram mais tarde. Além dessa passagem de Hebreus 11, usa-se o termo mais três vezes no Novo Testamento acerca de outras pessoas além do Senhor Jesus. Em cada uma destas passagens, é traduzido "único/a"; a saber, do filho da viúva de Naim, que foi o único filho da sua mãe (Lucas 7:12); da filha única de Jairo (Lucas 8:42); e no que o pai do rapaz aflito disse acerca dele: *"é o único que eu tenho"* (Lucas 9:38). Em cada caso o uso de "único" dá ênfase, não no nascimento, mas, sim, na natureza única do relacionamento e daí no fato de ser um filho especialmente querido do seu pai. Quando se usa essa palavra acerca do Senhor Jesus, "unigênito", apresenta a singularidade e o terno amor do Seu relacionamento com Deus. Ele é inevitavelmente único nesta glória. Ninguém mais poderia participar dela. Este fato é demonstrado pelas palavras de Cristo: *"Eu subo para Meu Pai e vosso Pai"* (João 20:17). Ele sempre fala de "Meu Pai" e nunca usa "nosso" para incluir outros junto consigo. Todos que têm crido, pela graça de Deus são filhos como participantes da natureza divina; Cristo é o Filho porque possui divindade. Esta singularidade declara-se ainda mais na palavra "próprio" - pois os judeus procuravam matar o Senhor Jesus porque dizia que Deus era Seu próprio Pai (João 5:18) e, Deus *"nem mesmo a Seu próprio Filho poupou"* (Romanos 8:32).

2. A igualdade com Deus implicada pelo Seu relacionamento como Filho. "Filho" é uma expressão de dignidade e não de sujeição, muito menos de inferioridade. Com certeza, há ordem na Trindade, pois o Pai enviou o Filho e não o Filho ao Pai, mas isto não implica nem superioridade nem inferioridade. O fato que, na encarnação, o nosso Senhor tomou um lugar de sujeição em relação a Deus não indica menos valor para o nome "Filho", mas antes a grandeza da Sua humildade. *"Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu"* (Hebreus 5:8). Isto implica, com clareza, que o Seu caminho de sofrimento aqui na terra estava em contraste com a Sua natureza e

glória como o Filho. Mesmo os judeus reconheceram que a Sua afirmação de ser o Filho de Deus foi uma afirmação de igualdade com Deus (João 5:18). Sabemos que o termo "filho" tinha sido aplicado por Deus ao povo de Israel como um todo, mas tinha um significado nacional. O relacionamento como Filho em relação a Deus não foi conhecido até que foi revelado pessoalmente em Cristo. O ensino do nosso Senhor em João 5:19-29 reivindica categoricamente para Si mesmo conhecimento e poder iguais ao conhecimento e poder do Pai, e exige *"que todos honrem o Filho, como honram o Pai"*. É verdade que *"o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma"*, mas isto não é por causa de alguma inferioridade Nele, mas, sim, por causa do Seu lugar na unidade da Divindade.

3. A intimidade do Seu relacionamento como Filho. O Filho está no seio do Pai. Esta é a esfera que Lhe é própria em virtude do Seu lugar na Divindade. Na Bíblia, a expressão "no seio" usa-se com respeito ao relacionamento entre amigos íntimos, de pais e filhos e de marido e esposa, e assim indica proximidade e afeição intensa. A expressão de João 1:18, a falar rigorosamente, não é "no seio", mas, sim, "para dentro do seio", assim falando não só do lugar, mas também da direção, e fala da comunhão entre o Pai e o Filho em que todos os pensamentos do Pai são perfeitamente reciprocados pelo Filho. Fala de Um que "descansa com seu rosto virado para dentro" fruindo a plenitude do amor do Pai. Não há véu, nem limitação de acesso, nem intimidade parcial, mas, sim, a plenitude do conhecimento perfeito e da alegria perfeita. Enquanto João em seu Evangelho dá este lugar ao Senhor no primeiro capítulo, no último ele nos diz que, se cada uma das ações de Jesus fosse escrita, supõe que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem. Não é clara a lição, que só o seio do Pai poderia contê-Lo? Só ali é que Ele seria plenamente conhecido e plenamente apreciado.
4. A eternidade do Seu relacionamento como Filho. O

relacionamento do nosso Senhor como Filho não é resultado da encarnação. Os relacionamentos de Pai e de Filho são intrínsecos à Divindade e formam a base de revelação e não meramente um acompanhamento dela. Em João 1:14, lemos da "Sua glória, como a glória do unigênito que veio do lado do Pai" (tradução ao pé da letra). Ele tinha estado ao lado do Pai antes de fazer-se carne. Em João 16:28, Ele diz: *"Saí do Pai e vim ao mundo; outra vez, deixo o mundo e vou para o Pai"*. A Sua existência junto com o Pai precedeu a Sua vinda ao mundo, assim como a Sua partida do mundo precedeu a Sua ida ao Pai. Em João 1:18, a expressão "que está no seio" emprega o particípio presente num sentido atemporal, indicando não o tempo, mas, sim, a natureza. Estar no seio é a natureza do Filho. Foi dito com toda a razão: "Cristo veio do seio do Pai sem nunca partir dele". Se, apesar das Escrituras citadas, alguns sustentarem que os relacionamentos de Pai e de Filho se ligam somente com a manifestação de Cristo no tempo, perguntaremos o que foi nos relacionamentos das Pessoas na eternidade que resultou nos relacionamentos que vieram a existir no tempo. Já vimos que há ordem na Trindade, e isso indica a necessidade de um relacionamento antes do tempo. Além disso, os relacionamentos do Pai e do Filho são para as eras futuras, e daí têm de ter a sua origem em relacionamentos que não poderiam ser satisfeitos de outra maneira. Com certeza, os relacionamentos que precederam a encarnação não eram menos sublimes nem menos preciosos do que os que a seguiram e teriam possuído toda a riqueza da intimidade e do amor que foram manifestos junto ao rio Jordão e no Monte Santo. Assim concluímos que as Escrituras ensinam com clareza que o relacionamento de Cristo como Filho é eterno.

5. O amor que é inerente em Seu relacionamento como Filho. O seio é a habitação de amor, onde o Filho permanece no abraço incessante do amor eterno. É notável que a primeira menção de amor na Bíblia se encontra nas palavras dirigidas a Abraão em Gênesis 22:2: *"Toma agora*

o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas". É aqui que se inicia o estudo do assunto de amor na Palavra de Deus: o amor de um pai para com o seu único filho, o seu unigênito. Mais tarde, no cântico do Amado em Isaías 5, descobrimos que o Senhor dos Exércitos fala de alguém a quem chama o Seu querido, e a quem atribui a introdução de Israel na sua terra. À luz da parábola da vinha - *"Tendo ele, pois, ainda um, seu filho amado"* (Marcos 12:6) - é claro o significado. Antes da encarnação, o nosso Senhor já era o amado Filho de Deus. Foi sempre a Sua alegria. No Evangelho de João se apresenta plenamente a riqueza do Seu amor. Lá, lemos sete vezes do amor do Pai para com o Filho.

1. *"O Pai ama o Filho e todas as coisas entregou nas Suas mãos"* (3:35). O amor do Pai é o motivo de dar todas as coisas ao Filho. São uma demonstração do amor que queria dar a Sua plenitude em profusão ao Seu objeto, e que encontra Nele a dignidade total de ser Possuidor de tudo.
2. *"O Pai ama ao Filho e mostra-lhe tudo o que faz"* (5:20). Tal é o calor desse amor que não pode haver reservas no conhecimento mútuo Deles. Todos os profundos conselhos do Pai estão patentes diante do Filho.
3. *"Por isso, o Pai Me ama, porque dou a Minha vida para tornar a tomá-la"* (10:17). A graça e a beleza moral manifestadas pelo Filho na Sua obediência sacrificial atraem o amor do Pai, amor que se manifesta em dar à cruz as suas consequências triunfantes.
4. *"Como o Pai Me amou, também Eu vos amei a vós"* (15:9). Eis aqui a medida do amor de Cristo para com o Seu povo. Assim como o Pai o amou, com um amor eterno, infinito e santo, assim também o Filho os amou. Será que os nossos corações realmente compreendem isto?
5. *"Eu neles, e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que Tu Me*

enviaste a Mim e que os tens amado a eles como Me tens amado a Mim" (17:23). O amor do Pai para com o Filho é o mesmo amor que nos aceitou no Amado. Quanto maior que seja a nossa percepção da bem-aventurança de Cristo como o Filho, tanto mais, obviamente, será a nossa bem-aventurança Nele.

6. *"Pai, aqueles que Me deste quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a Minha glória que Me deste; porque Tu Me hás amado antes da criação do mundo" (17:24).* Este majestoso versículo abrange duas eternidades e mostra que a fonte de toda a nossa bem-aventurança e de toda a alegria de Cristo nas eras vindouras é o amor do Pai para com Ele no passado eterno.

7. *"Para que o amor com que Me tens amado esteja neles, e Eu neles esteja" (17:26).* O amor do Pai ao Filho será a nossa verdadeira porção e nosso gozo sem cessar, quando ponderarmos a riqueza eterna desse amor e a vastidão do seu propósito de bênção.

6. A revelação de Deus que provém do Seu relacionamento como Filho. Ninguém pode proclamar o Pai como Aquele que conhece tudo o que há em Seu seio. Das profundezas de uma intimidade sem reservas, da pureza dela de luz e amor e da sua plenitude de vida o Filho veio para conhecermos a Deus. Não é de admirar, pois, que depois da expressão "no seio do Pai" vêm, como uma cadeia dourada, mais quatro expressões relacionadas com ela, constituindo-se mais uma daquelas harmonias de pensamento que é uma característica dos escritos de João. Em primeiro lugar, o seio, o lugar de acesso, comunhão e amor; então, o nome, o índice de carácter; em terceiro lugar, a vontade, que fala dos Seus propósitos sábios e santos; depois, a mão, a esfera de poder e de distribuição; e finalmente, a casa, o lugar do descanso final.

1. *"Eu vim em nome de Meu Pai", disse Cristo (5:43), e*

realmente manifestou plenamente o caráter do Pai, defendeu a autoridade do Seu nome, e glorificou-O por meio de tudo que foi e tudo que fez.

2. *"A vontade do Pai, que Me enviou, é esta: que nenhum de todos aqueles que Me deu se perca"* (6:39). Na realização dessa vontade bendita, o Filho encontrava a Sua força e refrigério: era a Sua verdadeira comida. Para Ele a vontade do Pai era boa, agradável e perfeita e regozijou-se na certeza de bênção que garante para aqueles que foram a dádiva de amor do Pai para Ele.
3. *"Ninguém pode arrebatar-las da mão de Meu Pai"* (10:29). Em Suas últimas palavras na cruz, o Senhor entregou o Seu espírito nas mãos do Pai. Ao mesmo lugar de segurança Ele trará todas as Suas ovelhas. Lá as Suas ovelhas são guardadas por um poder que é final e absoluto.
4. *"Na casa de Meu Pai há muitas moradas"* (14:2). O céu é uma pátria - a pátria da nossa cidadania, um paraíso - lugar de fecundidade e uma casa - lugar de vínculos familiares. Aquele, para quem não havia lugar na estalagem na cidade do Seu pai, Davi, subiu ao alto para que, pela aceitabilidade da Sua humanidade glorificada, pudesse dar-nos lugar na casa do Pai eterno. Ele veio do seio a fim de tornar-se o caminho para a casa - na verdade, o caminho ao Pai, para que Nele nós sejamos abraçados também no amor do Seu seio. Quão completa, pois, é a Sua revelação do Pai, tanto a revelação em si, como os resultados dela para os remidos.

O relacionamento de Cristo como o Seu Filho é tão precioso para Deus que se agradou em defendê-lo três vezes. Os orgulhosos da terra podem levantar o seu pendão de rebelião contra o Deus do céu e zombar das reivindicações do Seu Filho amado, mas Ele se deleita em reconhecê-Lo e proclamar o Seu valor inestimável. Junto ao Jordão, como outra vez no Monte da Transfiguração, Deus falou desde o

céu aberto: *"Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo"*. Em Mateus, como convém ao registo da realeza de Cristo, a Sua palavra é uma de apresentação e autenticação: *"Este é o Meu Filho"*. Em Marcos e Lucas, o Pai diz: *"Tu és o Meu Filho"*, dirigindo-se diretamente a Ele como o Servo humilde e Homem solitário, em doce consolo ao Seu coração.

Passadas para sempre a humilhação da cruz e o silêncio do sepulcro, o Pai, pela segunda vez, dirige estas últimas palavras ao Seu Filho. Com palavras de saudação triunfante: *"Tu és o Meu Filho, hoje Te gerei"* (Hebreus 1:5), o Pai acolhe-O na glória da Sua ressurreição. A alegria do Pai foi profunda quando o Seu Amado Filho, em obediência a Sua vontade, entrou no Seu caminho de humilhação aqui na terra. Quão imenso, então, devia ter sido o Seu prazer em recebê-Lo vivo dentre os mortos! Assim apresentou-se a segunda defesa do relacionamento de Cristo como o Seu Filho, pois foi *"declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos"* (Romanos 1:4). Ao vê-Lo, ninguém mais duvidará da certeza da Sua glória como o Filho de Deus. Finalmente, o prazer que Deus tem Nele é tanto que trará à glória muitos filhos, todos feitos agradáveis a Ele no Amado, e todos trazidos para dentro do abraço do amor paternal de Deus. Todos eles serão conformados à imagem do Seu filho, todos desfrutando um relacionamento como filhos semelhante ao relacionamento Dele, embora não no mesmo nível como o do glorioso Senhor deles. Assim Deus, em povoar o céu com multidões de pessoas feitas semelhantes ao Seu Filho, para que nelas possa contemplar eternamente a formosura Dele, testifica que Cristo é o Filho do Seu amor.

Portanto, o relacionamento de Cristo como Filho é a Sua própria glória singular, glória que pertence a Ele por estar em pé de igualdade com o Pai e igualmente eterno, como Aquele que habita na perfeita intimidade da Divindade e, acima de tudo, Aquele que é o objeto supremo do amor do Pai.

As Glórias do nosso Senhor

O autor é como um talentoso músico sentado ao piano, dedilhando suas melodias. Ele tem apenas um tema – Cristo – e um desejo – conhecê-Lo por si mesmo, e então espalhar a Sua grandeza aos outros. *Harold St. John*

A exatidão, a amplitude e as revelações espirituais deste livro apelam à mente contemplativa; adicionalmente, sua apresentação das glórias do nosso Senhor irá mover os corações a se ajoelharem como o apóstolo Tomé e exclamarem: “Meu Senhor e Meu Deus!” O que mais um livro pode desejar? *John Smart*

 A Verdade
www.editoraverdade.com.br

ISBN 978-85-64006-32-4



9 788564 006324